

O Amigo do Filatelista

ANO 10

Edição da Filatélica Penny Black

NÚMERO 39

MUDANÇAS ... MUDANÇAS ...

MUDANÇAS

Ana Lúcia Loureiro Sampaio
São Paulo - SP

Parem e pensem em quantas e quantas vezes fomos obrigados a mudar nossos hábitos de vida nos últimos 60 anos...

No correr do tempo, principalmente para nós brasileiros, o vilão da história sempre foi o poder aquisitivo cada vez menor da classe média. A classe onde se encontra espremida, sufocada e podada até suas raízes mais profundas, a elite intelectual do país. As pessoas que gostam de ler, de estudar e, de entender a vida. As que gostam de assistir aos espetáculos de teatro, de cinema, de arte, enfim. Profissionais liberais, professores, funcionários públicos, bancários e artistas, onde também estamos nós filatelistas, tristes e frustrados por nossos sonhos de colecionadores irem se perdendo à distância, de nossas contas bancárias.

Aos 6 anos de idade, eu ficava deitada no tapete, de barriga para o chão, embaixo da mesa de meu pai, lidando com meus selinhos, enquanto ele arrumava sua maravilhosa coleção. Era maravilhosa mesmo! Para cada país do mundo, havia um grande álbum de capa preta, com o nome impresso em ouro de verdade. Não éramos ricos. Papai era professor e diretor de colégio estadual. Dava aulas particulares para poder sustentar a coleção de selos. Minha mãe também trabalhava, era secretária em um parque infantil municipal. Vivíamos com uma certa fartura e nada nos faltava. Morávamos em uma boa casa, com um grande quintal; comíamos bacalhau às sextas-feiras o ano inteiro e eu tinha lindos vestidos cheios de babados e fitas de organzi prendendo os cachos à Shirley Temple. Não perdia a "matinê baby" aos domingos no Cine Gonzaga, em Santos, e depois ia à confeitoria Yara, quase em frente ao cinema, para comer doces enormes e tomar guaraná.

Naquela época, Getúlio Vargas era o nosso presidente. Lembro-me quando ele morreu, porque foi a primeira e única vez na vida que vi meu pai chorar.

De lá para cá, as coisas passaram a mudar rapidamente, até o dia em

que aquela coleção de selos tão linda teve mesmo que ser vendida. Meu pai já não agüentava mantê-la como era, toda de selos novos, das mais antigas às mais novas emissões, país por país. As novidades vinham da Stanley Gibbons, na Inglaterra, mas ele tinha muitos outros fornecedores aqui no Brasil: o Malls, o Bredan, ambos residentes em Santos; o Campineiro Ravagne, o Dr. Sheffer, que editava o catálogo de selos do Brasil; o grande Sandres e mais alguns que também já não existem mais. Acho eu que, na época, não havia coleção maior e melhor do que a de meu pai. Foi comprada pelo Dr. Sheffer, que a levou inteira num container, para vender na Europa. Dos Pacelli eram folhas e folhas, compradas mesmo por ocasião das emissões, como também foram compradas folhas das Revoluções de 30, 32, do Turismo e tantos outros selos que hoje já são difíceis de se encontrar em quadras. Dos estrangeiros, então, nem é bom lembrar... da maior parte dos países, tinha desde o primeiro selo. Para quem tem paixão por selos, como eu, dá tristeza pensar que já vi coisas que jamais voltarei a ver e muito menos ter. Depois, meu pai voltou a colecionar, mas nunca mais como antes. Sempre se esforçou para ter as coisas boas de cada país, mas os álbuns já não eram aqueles de luxo e os selos não tinham a mesma qualidade dos anteriores, embora as emissões fossem as mesmas. Nós precisávamos lavá-los para tirar a ferrugem antes de colocá-los na coleção e, lavávamos também os novinhos, para que não se enferrujassem. Papai já não tinha o cofre climatizado imenso, que mandara fazer para a antiga coleção. A umidade provoca a ferrugem na goma que, depois, acaba atingindo também o papel. Foi quando me tornei lavadora de selos profissional. Os selos mal chegavam e eu já lhes dava um belo banho com água e sal, só para tirar a goma. O sal era para as cores não se desbotarem.

Naquele tempo, o uso dos protetores ainda não era difundido aqui no Brasil, portanto usávamos charneiras para fixá-los nos álbuns. Mas para não márcar muito o selo e também economizar as charneiras, nós as cortávamos ao meio, uma por uma, no sentido longi-

tudinal, enquanto ouvíamos rádio, após o jantar.

A economia ia se alastrando por todos os nossos hábitos. O bacalhau das sextas, infelizmente, tornou-se pescadinha. Os babados e as fitas, graças a Deus, foram trocados por calças jeans. As festas restrinham-se ao círculo familiar e a fartura foi sendo cada vez menos farta.

A vida corria, saímos de Santos e viemos para São Paulo, quando meu pai tornou-se assessor do secretário da educação. Com a mudança, meu pai conheceu outros colecionadores e comerciantes. E passou a vender os selos repetidos para comprar os seus. Pouco a pouco, foi se expandindo e começou a comprar lotes, pacotes grandes e restos de coleções. Aí, de lavadeira de selos passei a fazedora de cadernos.

Fazer um caderno de selos bem feito como os que aprendi com meu pai, era muito trabalhoso mas, ao mesmo tempo, quanto mais difícil era, mais gostosa se tornava a tarefa. Meu pai me entregava os lotes, pacotes e pacotinhos, as charneiras e os cadernos e eu me virava sozinha. Primeiro, ia soltando os selos dos antigos álbuns ou papéis em que estavam fixados com charneira. Depois, lavava tudo porque morria de nojo das charneiras usadas e os estendia em jornal para secar. Quando estavam quase secos, punha selo por selo bem espalhadinhos entre folhas da lista telefônica e punha um peso em cima. Depois de bem secos e bem prensados, eu separava os selos por país e guardava-os separados por país em caixas diferentes, sem me esquecer de escrever o nome dos países na lateral das caixas. Quando uma caixa já tinha selos suficientes para encher um caderno, então, eu arrumava todos em um classificador por ordem de catálogo e, depois ia fixando um por um, por ordem de emissão e marcando o número do selo e o preço. Meu pai me pagava pelo caderno feito e o guardava. Um dia, quando já tínhamos 1000 cadernos prontos, meu pai vendeu todos para um americano, por bom dinheiro. Estavam muito bonitos e bem feitos e, nos Estados Unidos, a mão de obra filatélica é caríssima. Com o dinheiro dos cadernos, meu pai montou a nossa primeira loja, nas grandes

galerias que ficam entre a São João e a 24 de Maio. Assim, nasceu a Sampaio Filatélica em 1963.

Fazer os cadernos, além de ter sido um prazer para mim, foi um modo de meu pai juntar dinheiro, porque selos bem arrumados sempre eram facilmente vendidos para os estrangeiros. Comprava o material barato, que eu trabalhava e transformava em material de boa qualidade, limpo e organizado.

Era um tempo muito bom para vender selos, havia então grandes colecionadores, fazendo coleções universais, intermináveis e, as pessoas tinham bem mais dinheiro do que hoje.

Ainda hoje há grandes colecionadores, gente que tem o dom, o saber e a grande paixão mas, as verbas são cada vez mais minguadas. Mas, nem por isso, é preciso abandonar um hobby tão prazeroso como os selos. Pode-se economizar no estilo da coleção, comprar as boas ofertas e economizar no material de acondicionamento. Vejam bem, se colocamos os selos em álbuns ou em classificadores, temos que usar os protetores. Os álbuns e classificadores já são caros, somando-se aos protetores ... vai longe. Então, o melhor é fazer o que eu faço com os meus próprios selos : compro bonitas pastas em papelarias, com bolsas plásticas, onde caibam as folhas A9. Pego as folhas A9 de sulfite e as cubro com tiras de maximaphil 50 fundo preto; dá 6 tiras por folha. Uso cola Pritt para colar os protetores, passo o bastãozinho uma vez só no sentido longitudinal, bem no meio. Daí, recorto folhas de cartolina, do tamanho do papel A9. Estando tudo isso pronto, é só colocar os selos com os espaçamentos desejados e colocar as folhas dentro dos plásticos da pasta, uma virada para um lado, outra nas costas virada para o outro lado e, entre elas, a cartolina. Vocês precisam ver o efeito!!! É lindo !!! Com a vantagem que podemos mudar o lugar das folhas à vontade. Os selos aparecem inteiros, o fundo é preto e brilhante e fica tudo super-protégido, não há perigo de perder um selo. Garanto !! À prova de netinhos ! Assim, gastando bem pouco de papelaria, as pastas, além de bonitas, são baratas, pode-se fazer um excelente álbum já com os protetores. Um pacote de protetor dá para fazer mais de 3 páginas. Tentem e inventem outros tipos de álbuns, usando papel, protetores e bolsas plásticas. Se usarem tiras mais estreitas, dá para fazer um espaço entre elas e colocar tiras com textos feitos no computador. Dá para se divertir um bocado e fazer coleções lindíssimas, gastando pouco.

===== & =====

SELOGRAFIA BRASILEIRA DO SÉCULO XX (COMEMORATIVOS)

FUTEBOL - cont.

Hélio Parron Ferrara

3 - SELOGRAFIA / BRASIL CAMPEÃO DO MUNDO.

3.1 - BRASIL CAMPEÃO MUNDIAL DE FUTEBOL / 1958

3,30 cruzeiros - Taça Jules Rimet e jogador com bola, sobrepostos. Peça esverdeada emitida em 1959

Brasil campeão do Mundo - Somente oito anos depois da tragédia do Maracanã, o Brasil chegava ao seu primeiro título mundial, perseguido desde 1930, ao bater a Suécia em sua própria casa. Era o nascimento do maior futebol do mundo e o surgimento do maior fenômeno de todos os tempos nesse esporte, o rei Pelé.

Além de Pelé, Garrincha e Didi foram considerados os grandes fenômenos da seleção, que se tornava o primeiro país a conquistar a copa do mundo fora do seu continente.

A campanha Brasileira foi de: cinco vitórias e um empate, com 16 gols a favor e quatro contra. A equipe do técnico Vicente Feola derrotou aos suecos na final por 5 a 2.

3.2 - BI-CAMPEONATO MUNDIAL DE FUTEBOL / 1962

10,00 cruzeiros - verde com jogador e bola. Globo ao fundo. Emissão 1963.

Brasil Bi-Campeão do Mundo - Agora vivendo uma nova realidade, o futebol brasileiro principiava aquilo que seria o auge de suas façanhas no mundo. Ao vencer a Tchecoslováquia na copa de 1962, realizada no Chile, o Brasil não só sagrava-se Bi-Campeão Mundial, mas reafirmava assim sua condição de superioridade na prática do Futebol, esporte tão bem assimilado em nosso país.

Neste campeonato, Pelé se contundiu na segunda partida, ficando de fora do restante do campeonato. Foi o ano em que Garrincha conquistou o título de melhor jogador do torneio.

A exemplo de 1958, o Brasil findava a competição com cinco vitórias e um empate. Sob a direção de Aimoré Moreira, nossa seleção vencia, na grande final a Tchecoslováquia por 3 a 1.

3.3 - BRASIL TRI-CAMPEÃO - DETENTOR DEFINITIVO DA TAÇA JULES RIMET / 1970

1,00 cruzeiro - Belini erguendo a taça
2,00 cruzeiros - Mane Garrincha passando pelo marcador
3,00 cruzeiros - Pelé, Tostão e Jairzinho.

Brasil Tri-Campeão do Mundo - A consagração definitiva viria no México, quando o Capitão Belini, inaugurararia o

gesto que se perpetuaria para sempre na história das copas: o ato de erguer a taça.

Ao vencer a Itália por 4 a 1, o Brasil ficava em definitivo com a Jules Rimet e definiria de maneira indelével, sua hegemonia no futebol.

Foi uma campanha memorável sob o comando técnico de Zagalo que substituiu João Saldanha, afastado ainda na fase classificatória.

O Brasil venceu todos os seis jogos, marcou 19 gols e sofreu sete. Ocasião em que Pelé se consagrava num mito e era eleito "rei do futebol".

4 - SELOGRAFIA / CAMPEONATO BRASILEIRO

4.1 - CAMPEÕES DA COPA BRASIL - Primeiros 4 Campeões - Emissão 1987

3,00 cruzados - Sport Club Internacional - RS - campeão em 1975, 1976, 1979.

3,00 cruzados - São Paulo Futebol Clube - SP - campeão em 1977, 1986.

3,00 cruzados - Guarani Futebol Clube - SP - campeão em 1978.

3,00 cruzados - Clube de Regatas Flamengo - RJ - campeão em 1980, 1982, 1983

4.2 - CAMPEÕES DA COPA BRASIL - Emissão de 1988

50,00 cruzados - Sport Club do Recife - PE - campeão em 1987

50,00 cruzados - Coritiba Foot Ball Club - PR - campeão em 1985

100,00 cruzados - Grêmio Foot Ball

Porto Alegrense - RG - campeão em 1981

200,00 cruzados - Fluminense Foot Ball Club - RJ - campeão em 1984

A Copa Brasil - O campeonato mais importante no Brasil, é o campeonato Brasileiro, que vem sendo disputado desde 1971, quando então era chamado: Copa Brasil. Depois veio a Taça de Ouro e Taça União, por fim ficou conhecido como Campeonato Brasileiro.

Em 1989, é criada a Copa do Brasil, paralelo ao campeonato brasileiro, e nos moldes do que era a Copa Brasil no início.

Todavia, a selografia supracitada, se refere especificamente ao que hoje chamamos Campeonato Brasileiro. Além disso, a título de historiografia, entendemos que a Copa Brasil (Campeonato Brasileiro) teve seu início em 1971, tendo o Atlético Mineiro como Campeão. Depois tivemos os seguintes campeões: 1972 - Palmeiras / 1973 - Palmeiras / 1974 - Vasco da Gama.

E, somente em 1975, já na 5ª edição do certame é que tivemos o Internacional de Porto Alegre como campeão; citado na selografia nacional como primeiro campeão da copa Brasil. (?)

4.3 - OUTROS CLUBES

100 mil reais - 1952 - Cinqucentenário da Fluminense F.C. fundado em 1902 - Atletas e símbolos Olímpicos

10,00 cruzados novos - 1990 - Clube de Regatas Vasco da Gama fundado em 1898 - Campeão Brasileiro de 1989

0,15 centavos de real - 1995 - Botafogo de Futebol e Regatas fundado em 1904

0,15 centavos de real - 1995 - Clube de Regatas do Flamengo, fundado em 1895

- Peça alusiva ao seu primeiro centenário.

Interessante a preferência dos correios brasileiros por clubes cariocas. Equipes bicampeãs do Mundo, como Santos e São Paulo, foram esquecidas na selografia Brasileira do século XX.

5- OUTROS

5.1 - TAÇA INDEPENDÊNCIA

0,20 centavos de cruzeiros - Taça Independência

A Taça Independência - Idealizada pelo Presidente Médice e João Havelange, foi um torneio realizado em 1972, fazendo parte do sesquicentenário da independência do Brasil.

Contou com a presença de: Argentina, Colômbia, França, Chile, Equador, Irlanda, Portugal, Bolívia, Paraguai, Peru, Venezuela, Iugoslávia, Brasil, Escócia, Tchecoslováquia, Uruguai, Rússia, América Central, África e Ásia.

5.2 - MILÉSIMO GOL DE PELÉ

0,10 centavos de cruzeiros novos - Pelé, de costas, num salto socando o ar, com a camisa da seleção.

O milésimo gol de Pelé - EDSON ARANTES DO NASCIMENTO, atleta do século e maior jogador de Futebol de todos os tempos. Dos quase 1.300 gols que marcou, o de número 1.000 foi marcado no dia 20 de novembro de 1969, no Maracanã, em sua 900ª partida oficial. O Adversário foi o Vasco da Gama.

Pelé é mineiro de Três Corações. Iniciou sua carreira no Bauru Atlético Clube aos 10 anos de idade.

Chegou ao Santos Futebol Clube, seis anos depois. Seria com o uniforme branco do Peixe, que Pelé conquistaria suas maiores glórias e realizaria seus maiores feitos.

Aos 17 anos, chegava à Seleção Brasileira, quando ajudou o Brasil a conquistar seu primeiro campeonato mundial na Suécia em 1958.

A peça alusiva ao seu milésimo gol apresenta uma gafe grandiosa ao retratar o rei com a camisa da seleção Brasileira, quando na verdade o seu gol de nº 1.000 foi marcado com a camisa 10 do Santos Futebol Clube, cobrando penalidade máxima contra o Vasco da Gama.

6 - CONCLUSÃO

Notamos assim, que para um país hoje Pentacampeão do mundo, cuja supremacia mundial nessa área é inquestionável, vide resultados, é de se lamentar que a Filatelia nacional tenha feito tão poucas homenagens ao nosso futebol.

Se bem que em nossa pesquisa não incluímos os blocos filatélicos¹, é lamentável que os correios do Brasil, não tenham emitido nenhum selo comemorativo, alusivo ao tetracampeonato mundial de futebol, conquistado em 1994 nos Estados Unidos.

Ademais, é triste para a nossa Filatelia, e porque não dizer, para o nosso país, ver que os reis do futebol são tão pouco homenageados em nossa selografia, e quando o são; ainda perecem de um extremo mau gosto, como o milésimo gol de Pelé, com a camisa errada, ou a insossa série "Futebol e Arte" de 1998, que é muito mais arte que futebol.

Fica por fim a esperança que o século XXI seja mais promissor neste tema, como, aliás, temos bons motivos para crer que o será, a exemplo do selo redondo emitido em conjunto com os países campeões do mundo, alusivos a copa de 2002, Coreia e Japão.

===== & =====

COISAS DO BRASIL

Maria Lúcia Teixeira
Balneário Camboriú - SC

Do sertão ao litoral, embalados pela arte da música, da simplicidade e da fé, esse Brasil canta, encanta e se encontra todos os dias. Brasil do Senhor do Bom Fim, de Xangô, de Iansã, Iemanjá. Brasil do Padim Ciço, Nossa Senhora Aparecida. Brasil do Boi-Bumbá, Maracatu, Tucupi, Tacacá, Frevo e Carnaval. Brasil dos sertões de cordel, de litorais de redes e rendas. Brasil de muitos interiores e capitais. Brasil de orações, promessas e romarias. Brasil de Templos e Terreiros. Brasil de todas as cores, de todas as raças. Dos filhos deste solo é mãe gentil, de ALMA MESTIÇA, Brasil...

"SOB A BANDEIRA DE OXALÁ..."

Fonte : Sites sobre cultos afro-brasileiros

Os cultos afro-brasileiros constituem um sistema de crenças originado da cultura africana, que chegou ao Brasil a partir do século XVI, com a chegada dos primeiros escravos. A maioria dos negros foi trazida da costa do Oeste da África, onde predominavam dois grandes grupos: os Sudaneses, e os Bantos. Os Sudaneses são oriundos da região do Golfo da Guiné, onde se loca-

lizam hoje a Nigéria e o Benin. Pertenciam às nações Haussais, Jeje, Keto e Nagô, e foram os principais precursores do Candomblé. Os Bantos são compostos pelas nações de Angola, Benguela, Cabinda e Congo. Desses nações, a cultura brasileira herdou, entre outros aspectos, a capoeira e a congada. Os cultos religiosos que esses povos trouxeram sincrétizaram-se com o Catolicismo, originando as crenças afro-brasileiras.

O Candomblé:

Foram os negros iorubas os responsáveis pelo início do Candomblé, na Bahia. O Candomblé é uma religião baseada no culto aos orixás, seres divinizados, relacionados com as forças da natureza. Sua liturgia acontece no interior dos terreiros, também conhecidos como roças. O Candomblé ganhou força e difundiu-se, a partir da Bahia, para muitos estados brasileiros, principalmente, o Rio de Janeiro. Em Pernambuco, o Candomblé recebe o nome de Xangô, nome de um dos orixás mais cultuados na tradição afro-brasileira.

Alguns pesquisadores afirmam que, na África, eram conhecidos cerca de 600 divindades. Quando o culto chegou ao Brasil, essas divindades reduziram-se para cerca de 50, das quais 16 seriam conhecidas no candomblé brasileiro. Como a tradição africana baseia-se apenas na transmissão oral das informações, diretamente, de uma geração a outra, não existem registros escritos que possam confirmar o número exato de divindades existentes desde o culto original africano.

O Candomblé e a Umbanda:

O candomblé, ao desembarcar no Brasil com os escravos, encontrou aqui um outro culto de natureza mediúnica, chamado "Pajelança", praticado pelos índios, nas mais variadas formas. Em ambos os cultos - pajelança e candomblé - havia a comunicação com os Espíritos. Os jesuítas, com a missão de catequizar os índios e, posteriormente, o negro, proibiram que estes - os negros - cultuassem os deuses de sua cultura. Naquela época, não havia liberdade religiosa. Sem alternativa, os negros acabaram construindo altares com imagens de santos católicos. Nas práticas exteriores, chamavam-nos segundo as instruções dos padres, mas em sua intimidade, associavam essas imagens aos orixás que evocavam fervorosamente. Assim, "disfarçadamente", as crenças e culturas do povo africano iam sendo preservadas. Assim nasceu o "sincrétismo religioso", ou seja, a associação entre o orixá e o santo da Igreja Católica. Os rituais eram, naturalmente, realizados nos terreiros das senzalas.

¹ Foi emitido um Bloco Filatélico em homenagem ao Tetracampeonato conquistado pelo Brasil em 1994, entretanto, este estudo se baseia apenas em selos comemorativos emitidos no século XX (1900 a 2000).

Com o tempo, alguns terreiros começaram a misturar os rituais do Candomblé com a Pajelança, dando origem a um outro culto denominado "Candomblé de Caboclo". Este culto, onde os Espíritos que se manifestavam eram de índios e negros, começou a se degenerar para a baixa magia, conjuros, Canjê, Catimbó, macumba e Quimbanda, uma mistura de cultos que precisava de evolução. Em 1908, por influência de Espíritos Superiores, criou-se um movimento espiritualista, destinado a fazer evoluir aquele culto primitivo nascido do Candomblé. Através do médium Zélio Moraes e do Espírito de uma padre, Gabriel Malagrina, em Niterói, Estado do Rio de Janeiro, nascia a Umbanda Cristã, genuinamente brasileira. Esse trabalho deu origem a uma linhagem de terreiros onde não eram realizados rituais de sacrifício nem se olhava a sorte. Os adeptos eram convocados ao estudo do Evangelho de Jesus e a fazer caridade junto ao povo sofredor. Segundo Frei Malagrina, a Umbanda seria a manifestação do Espírito para a prática da caridade. Ao contrário do Candomblé, a Umbanda aceita a manifestação de espíritos errantes, como na Doutrina Espírita, estudando as obras espiritas e promovendo sessões de desobsessão em alguns terreiros.

O sincretismo dos Orixás:

Paixões e lutas descrevem os mitos dos deuses africanos. Senhores de tudo o que existe no mundo, os orixás são divindades relacionadas às forças da natureza. Quanto mais pesquisar sobre eles, com certeza, mais descobrirá sobre si mesmo. Segue uma relação das principais divindades negras que zelam por nós e iluminam nossos caminhos:

Exu: Filho primogênito de Iemanjá e Oxalá, o irreverente Exu é o mensageiro dos deuses. Simboliza a energia dinâmica, associada à sexualidade e à multiplicação. Conta-se que, certa vez, Exu devorou tudo o que havia no mundo, mas depois devolveu multiplicado. Por isso, ele é o primeiro Orixá a receber oferendas; ele leva tudo ao reino dos Orixás e depois devolve multiplicado para a humanidade, em forma de AXÉ, que é a energia vital.

Ogum: Senhor da Guerra, Ogum é o desbravador de todos os caminhos. Nos mitos africanos, foi ele quem criou o ferro e a metalurgia, abrindo novas perspectivas para o avanço da civilização. É valente e impetuoso, permanecendo junto de seus filhos em todas as lutas. Protege os agricultores, os soldados, os artesãos e todos que lidam com ferro ou aço. Filho de Oxalá e Iemanjá, está associado a Santo Antônio e São Jorge.

Filatélica Penny Black - O Amigo do Filatelista

Oxossi: Este orixá é o provedor - sua habilidade para a caça garante a alimentação dos outros orixás. Assim, as pessoas que trabalham para garantir o sustento da família podem contar com a proteção dessa divindade, cujos atributos são a fartura e a perseverança - é preciso esperar para saber a hora certa de atirar a flecha. Oxossi também é o deus da agricultura e da natureza. Seus pais são Oxalá e Iemanjá. Está associado a São Jorge e São Sebastião.

Xangô: Os raios, o fogo e as pedras são os domínios desse orixá orgulhoso e autoritário, associado a São Jerônimo, São Pedro, São João Batista e São Francisco de Assis. Senhor da Justiça, Xangô puni as iniquidades e atua sempre para que a verdade prevaleça. No Brasil, a sua popularidade é tão grande que, em Pernambuco, o culto aos orixás recebe o nome de Xangô.

Iansã: Deusa guerreira e senhora dos eguns, os espíritos dos mortos, Iansã exerce domínio sobre o fogo, os raios, os ventos e as tempestades. Seus atributos são a sensualidade, a coragem e o dinamismo. Em suas mãos, traz sempre uma espada, símbolo da guerra e um iruexim, espécie de chicote que usa para impor-se aos desencarnados. Seus pais são Iemanjá e Oxalá. Está associada a Santa Bárbara.

Oxum: Bela, vaidosa e sensual, Oxum é a deusa do amor e a mais feminina de todas as divindades do candomblé. Rege a fertilidade e o poder da gestação. É a senhora das águas doces, que irrigam os campos, garantindo fartura e também o ouro. Por isso, identifica-se com todas as manifestações da natureza. Está associada à Virgem Maria, principalmente à Nossa Senhora das Candeias e Nossa Senhora Aparecida. É filha de Oxalá e Iemanjá.

Obá : Deusa guerreira das águas revoltas, Obá foi desprezada por Xangô. Tudo porque a ciumenta Oxum, sabendo que o deus da justiça não tolerava sangue, sugeriu que Obá arrancasse uma de suas orelhas e a oferecesse ao esposo, para conquistar seu afeto. Obá assim fez, causando horror a Xangô. Obá simboliza as paixões infelizes. É filha de Iemanjá e Oxalá e está associada a Santa Catarina, Santa Marta e Santa Joana D'Arc.

Logum: Também chamado de Logunedê, esse orixá é filho de Oxossi e Oxum. Durante seis meses do ano, ele vive nas matas, seguindo os passos do pai caçador. Nos outros seis meses, ele assume a forma feminina e parte para as águas doces, domínios de sua mãe. Beleza, elegância e poder de sedução são os atributos desse orixá, que proporciona fartura na caça e na pesca. Logum está

associado a São Miguel Arcanjo e Santo Expedito.

Iemanjá: Também conhecida como Janaína, Oloxum e Inaê, é a esposa predileta de Oxalá e mãe de quase todos os orixás. Está associada à Virgem Maria, principalmente à Nossa Senhora dos Navegantes e Nossa Senhora da Conceição. Seus atributos são a maternidade, a abundância e a generosidade. Favorece os cuidados com os filhos e a vida familiar. Senhora das águas salgadas, ela protege contra os perigos do mar.

Oxalá: Associado a Jesus Cristo, é o pai supremo, que separou o mundo material do mundo dos espíritos. Criou os seres vivos e gerou os orixás. Senhor da vida e da morte de todas as criaturas, é austero e bondoso. Prefere persuadir a impor a sua vontade. Suas esposas são Nana e Iemanjá. Acima dele está Olorum, o Deus Supremo.

Euá – Rainha do céu estrelado, das ilhas e penínsulas, senhora da chuva e das transformações, dona da faixa branca do arco-íris – muitas são as imagens de Eua, deusa casta que tem o dom de tornar invisível os segredos de Ifá, o deus da adivinhação. Filha de Iemanjá e Oxalá, Eua está associada à Nossa Senhora das Neves.

Oxumaré: Ele é o arco-íris que liga o céu e a terra, a serpente que fecunda o solo e gera riquezas. É o senhor da dualidade, do movimento, da perpétua renovação. Macho e fêmea, simboliza a interação entre as energias. Em forma de serpente, morde a própria cauda e num girar incessante, mantém o equilíbrio entre os corpos celestes. Filho de Oxalá e Nana, está associado a São Bartolomeu.

Ossaim: Também chamado de Ossanha, é o orixá senhor das folhas. Seus domínios são a cura e a magia. As palavras mágicas que ativam os poderes das plantas são conhecidas apenas pelos sacerdotes de Ossaim. Os antigos mitos africanos ensinam que os vegetais são capazes de revigorar os próprios deuses. Ossaim é filho de Iemanjá e Oxalá e está associado a São Benedito.

Continua no próximo número ...

Filatélica Penny Black Ana Lúcia Sampaio - Giorgio Radini Rua Aurora 776 conj.257/58 - Centro Cep 01209-000 - São Paulo Caixa Postal 3133 - Cep 01060-970 - São Paulo - SP Fone : (011) 222-0277 / 3331-2822 Fax Automático : (011) 3362-0782 pennyblack@portaldoselo.com.br pennyblack@terra.com.br www.portaldoselo.com.br
